

MIA COUTO

O mapeador de ausências

Romance

1ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Nota do Autor	7
1. Os que falam com as sombras	11
2. O universo descarrilado	25
3. Escrever nos panos	42
4. Juras, promessas e outras mentiras	52
5. Uma alma esburacada	66
6. O corpo como cemitério	79
7. Há chumbo dentro de Camila	93
8. As notícias	101
9. Os fintadores do destino	109
10. À espera do fim do mundo	121
11. Os domadores do caos	130
12. Se os mortos não morrem quem é dono do passado?	149
13. Os domesticadores de milagres	159
14. Os que nascem com raça	168
15. Uma chaga na pele do Tempo	183
16. A descida aos céus	194
17. Os que escutam a pólvora	205

18. O chão do corpo. Apontamentos autobiográficos do inspetor Óscar Campos . . .	217
19. Braços longos, ombros estreitos	223
20. A culpa dos inocentes	231
21. Naufragadas nuvens	242
22. O amor e outras mentiras	253
23. O ciclone	261
Epílogo. O último interrogatório	271
Índice detalhado	281

Nota do Autor

Esta é a história de um jornalista e poeta português, um homem ingênuo a quem entregam provas de um massacre cometido pelas tropas portuguesas em Moçambique no ano de 1973. Esse homem bom e ingênuo era o meu pai. Nessa altura, a guerra de libertação nacional tinha chegado às portas da nossa cidade, a Beira. A loucura foi a resposta em alguns dos bairros brancos. Aprendi, então, que a doença é, por vezes, o único remédio. Para alguns, era preciso esquecer o que se passava para que houvesse futuro. Para outros, o que se passava era já o futuro.

Esta narrativa ficcional foi inspirada em pessoas e episódios reais. Por outras palavras: neste livro, nem gente, nem datas, nem lugares têm outra pretensão que não a de serem ficção.

Os que falam com as sombras

(Beira, 6 de março de 2019)

*Toda a minha vida foi um ensaio
para o que nunca chegou a acontecer.*

Adriano Santiago

*— Todos temos duas sombras. Apenas uma é visível.
Há, porém, aqueles que conversam com a sua segunda
sombra. Esses são os poetas. O senhor é um deles, um dos
que falam com as sombras.*

Tudo isto me é dito pelo porteiro à entrada do salão de festas. Acena com um livro de poesia, pede que lhe faça uma dedicatória. Levanto os braços, em gentil recusa: — *Não posso, quem escreveu esse livro foi o meu pai.*

O homem encolhe os ombros, sorrindo, e murmura: — *Então, o autor é você mesmo.*

Escrevo a dedicatória, torno-me numa espécie de autor póstumo. As mãos são minhas, a caligrafia é do meu falecido pai. Apetece-me abraçar o porteiro, mas contenho-me e vou caminhando por entre as mesas en-

galanadas do salão. Há quem se levante para me saudar. Na parede do fundo, um cartaz exhibe em letras garrafais os seguintes dizeres:

Seja bem-vindo à sua cidade,
poeta Diogo Santiago!

Recordo as palavras do meu pai. Honrarias em terras pequenas são como anéis em dedos de pobre: desses brilhos nascem mortais invejas.

Uma bela mulher avança na minha direção.

— *Chamo-me Liana Campos, sou a mestra-de-cerimónias.* — E há na sua voz um receio trémulo, como se a revelação do seu nome a deixasse desarmada.

Estou de visita à Beira, a minha cidade natal; venho a convite de uma universidade. Desde que aqui cheguei, visitei escolas, reuni com professores e alunos, falei com eles sobre o assunto que mais me interessa: a poesia. Sou professor de literatura, o meu universo é pequeno, mas infinito. A poesia não é um género literário, é um idioma anterior a todas as palavras. Foi isso que repeti em cada um dos debates.

Nestes dias, caminhei pelos lugares da minha infância como quem passeia num pântano: pisando o chão com as pontas dos pés. Um passo em falso e corria o risco de me afundar em escuros abismos. Eis a minha doença: não me restam lembranças, tenho apenas sonhos. Sou um inventor de esquecimentos.

E aqui estou, neste provinciano salão de festas, um homem tímido e recatado, sendo vítima de uma homenagem pública. As paredes estão ornadas de flores de plástico e as colunas exibem laçarotes de papel colorido. Na cabeceira da mesa central destinaram-me uma cadeira de espaldar elevado, uma espécie de trono burlesco. Dispostas numa rigorosa hierarquia, de cada um dos lados da mesa, as autoridades avaliam-me num misto de condescendente simpatia e predadora curiosidade.

Nada me fatiga mais do que as celebrações, com as suas infundáveis conversas de circunstância. Subo ao palco para ler o discurso. A dificuldade de ler aquelas duas páginas é maior do que o embaraço que tive em escrevê-las. Refiz aquela mensagem umas vinte vezes. Não me faltava a competência. Faltava-me eu. E agora decido por uma intervenção de improviso. Estou doente, sou um escritor que perdeu a capacidade de ler e de escrever. Era essa confissão de fragilidade que me apetecia fazer naquele momento.

Após os discursos e demais formalidades começam as danças. Liana faz-me um sinal para que dance com ela. Recuso, com firmeza. Na primeira oportunidade escapo furtivamente para a porta de saída e finjo ocupar-me com um telefonema. O porteiro mete conversa, esfregando as mãos como se ganhasse coragem.

— *Já viu, senhor poeta?* — pergunta. — *As nossas damas com panos africanos em volta da cabeça?*

— *Acho bonito* — comento.

— *O problema é que esses panos tão africanos escondem cabelos postiços de mulheres chinesas. Ou de indianas, que é o mais provável.*

Encosto-me à porta, fecho os olhos e suspiro. Escuto os passos do porteiro que se aproxima com a gentileza de um gato. Encosta a boca ao meu ouvido para superar o volume da música.

— *Está cansado, meu poeta?* — quer saber o homem. — *Que direi eu que trabalho aqui há mais de quarenta anos? Vou confessar-lhe uma coisa: estas festas são iguais às dos antigos colonos...*

— *Nada mudou para si?*

— *Para mim?* — E o porteiro revira os olhos como se buscasse a resposta no escuro. — *O que mudou foi assim: antes, eu não existia; agora, sou invisível.*

— *Não imagina, meu caro amigo, como tenho inveja dessa invisibilidade.*

Liana vem fumar no átrio e junta-se à conversa. O